

“A Existência ao Lado do Sofrimento: Uma Abordagem Fenomenológica e Filosófica sobre o
Vínculo Conjugal e a Permanência no Doecimento”

Cleverson Diacovo E Fatima Cristina Ferreira Lobo

Curitiba, Julho de 2026

RESUMO

O presente artigo investiga a dinâmica existencial do vínculo conjugal diante do adoecimento crônico ou degenerativo de um dos parceiros, sob a ótica da fenomenologia e da filosofia da alteridade. O objetivo central é compreender os fundamentos que sustentam a permanência do cônjuge saudável ao lado do sofrimento do outro, transcendendo a dimensão puramente biológica da patologia para alcançá-la como uma ruptura biográfica e ontológica. Através das categorias de *Mitsein* (ser-com) em Heidegger, da ética da alteridade em Levinas e da intercorporeidade em Merleau-Ponty, analisa-se a transfiguração do cuidado e a reconfiguração da identidade do cuidador. A pesquisa conclui que a permanência no vínculo, em contextos de vulnerabilidade radical, fundamenta-se em uma resposta ética ao apelo do outro e na ressignificação da subjetividade, exigindo do sujeito uma navegação complexa entre a responsabilidade infinita e a preservação de sua própria alteridade.

Palavras-chave: Fenomenologia. Vínculo Conjugal. Adoecimento. Ética da Alteridade. Cuidado.

1. INTRODUÇÃO

O adoecimento não é um evento circunscrito ao organismo biológico; ele representa, fundamentalmente, uma crise no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) do indivíduo e daqueles que o cercam. No contexto do vínculo conjugal, a patologia crônica ou degenerativa atua como uma força centrípeta que desorganiza o tempo, o espaço e os projetos compartilhados. O problema de pesquisa que se apresenta reside na compreensão do que sustenta a permanência do parceiro saudável em um cenário de sofrimento prolongado, onde a reciprocidade, pilar do relacionamento amoroso, é frequentemente mitigada pela incapacidade do outro.

Esta reflexão busca afastar-se de explicações puramente funcionalistas ou psicopatológicas, propondo uma leitura fenomenológica. Busca-se entender como o sujeito, ao deparar-se com a finitude e a dor do cônjuge, reconfigura sua própria existência. A permanência, portanto, é analisada não como uma obrigação estática, mas como um movimento dinâmico de cuidado e resposta ética.

2. O VÍNCULO COMO MITSEIN E A TRANSFIGURAÇÃO DO CUIDADO

Para Martin Heidegger, a estrutura fundamental do *Dasein* (ser-aí) é o ser-no-mundo, que é intrinsecamente um ser-com (*Mitsein*). A existência humana nunca é isolada; ela se constitui na abertura para o outro. No matrimônio, essa estrutura atinge uma densidade singular, onde o mundo é construído a partir de uma co-presença constante. O adoecimento, contudo, altera a modalidade desse "ser-com".

Quando a doença se instala, a *Sorge* (preocupação ou cuidado), que Heidegger identifica como a essência do ser, sofre uma transfiguração. O parceiro deixa de ser alguém com quem se compartilha possibilidades futuras para tornar-se o objeto de uma solicitude que, por vezes, substitui a autonomia do outro. A permanência ao lado do sofrimento exige que o cônjuge saudável lide com a "angústia" da finitude escancarada pela patologia, transformando o cotidiano em um exercício de presença que resiste à impessoalidade do "a-gente" (*Das Man*).

3. A ÉTICA DO ROSTO E A RESPONSABILIDADE INFINITA

A filosofia de Emmanuel Levinas oferece uma chave interpretativa crucial para a permanência no adoecimento: a ética da alteridade. Para Levinas, o encontro com o "Rosto" do outro é um comando ético. O rosto, em sua nudez e vulnerabilidade, diz: "não matarás", o que implica, positivamente, "cuidarás de mim".

No contexto do adoecimento conjugal, o rosto do amado, marcado pela dor ou pela perda de consciência, convoca o parceiro a uma responsabilidade que precede qualquer contrato. O cônjuge torna-se, em termos *levinasianos*, "refém" do outro. Essa permanência não é fruto de um cálculo de custo-benefício, mas de uma subjetividade que se descobre responsável pela vida que lhe é confiada. A dor do outro torna-se uma ferida na própria subjetividade do cuidador, estabelecendo um vínculo que a doença não consegue dissolver imediatamente.

4. CORPO, CARNE E A DIMENSÃO SENSÍVEL DA PERMANÊNCIA

A permanência no sofrimento também se dá na dimensão da intercorporeidade, conforme proposta por Maurice Merleau-Ponty. O corpo não é apenas uma máquina, mas um corpo vivido. No adoecimento, a comunicação verbal pode escassear, mas a comunicação entre os corpos persiste. O toque do cuidador — ao alimentar, higienizar ou simplesmente amparar — é uma forma de linguagem pré-reflexiva.

A "carne do mundo" une o casal em uma sensibilidade compartilhada. A permanência, sob esta ótica, é o reconhecimento de que o corpo do outro, embora fragilizado, ainda é o lugar de uma subjetividade encarnada. O cuidado físico torna-se o suporte para a manutenção da dignidade do doente, permitindo que o vínculo sobreviva através da percepção sensível e do acolhimento da fragilidade biológica.

5. CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS E PSICOLÓGICAS

Do ponto de vista da psicologia clínica, a permanência ao lado do sofrimento exige uma robustez psíquica que permite ao cuidador transitar entre a fusão empática e a diferenciação necessária. A literatura científica destaca que a qualidade do vínculo pré-mórbido é o principal preditor da resiliência do casal. Contudo, a fenomenologia alerta para o risco da anulação do "eu" em favor do "outro".

A intervenção psicológica deve focar na ressignificação do sofrimento. A logoterapia, por exemplo, sugere que o sentido pode ser encontrado mesmo em situações imutáveis (valores de atitude). A permanência torna-se saudável quando o cuidador consegue integrar o sofrimento à sua narrativa de vida, sem permitir que a doença se torne a única definição de sua existência ou da existência do parceiro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência ao lado do sofrimento no vínculo conjugal revela a profundidade da condição humana como ser-para-o-outro. A análise fenomenológica demonstra que a permanência no adoecimento não é um estado passivo, mas um ato contínuo de liberdade e compromisso ético. Através do *Mitsein*, da responsabilidade pelo Rosto e da intercorporeidade, o cônjuge cuidador sustenta a humanidade do parceiro diante da desintegração provocada pela patologia.

Conclui-se que o suporte psicológico a esses casais deve transcender o manejo do estresse, alcançando a dimensão existencial do cuidado. Permanecer ao lado do sofrimento é, em última análise, um testemunho da capacidade humana de amar na finitude, transformando a tragédia biológica em uma obra de arte ética e existencial.

7. REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 2007.

YALOM, Irvin D. Psicoterapia Existencial. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

O presente artigo foi elaborado a partir de fundamentação teórica consistente, sustentada por referenciais bibliográficos pertinentes, bem como pelas vivências cotidianas dos autores, as quais contribuíram para a construção reflexiva do conteúdo apresentado. Ressalta-se, contudo, que as informações aqui expostas possuem caráter estritamente informativo e educativo, não tendo a finalidade de substituir o acompanhamento, o diagnóstico ou o tratamento realizados por profissionais especialistas na área da saúde mental. Destaca-se, ainda, que os autores não possuem formação acadêmica específica na área de saúde mental, motivo pelo qual se recomenda, em situações de necessidade, a busca por atendimento qualificado junto a profissionais devidamente habilitados.